



Fotos: Saber Nuraldin



Bombardeio em Gaza, em 9 de outubro de 2023

Homem chora sobre corpo do filho, no mesmo dia

Palestino morto ao buscar comida, em julho de 2025

Shalmaa, 9 anos, amputada em novembro de 2023

ORIENTE MÉDIO

À espera do fim do horror

Dois anos depois do massacre cometido pelo Hamas no sul de Israel e do início da guerra, moradores da Faixa de Gaza revelam esperança comedida sobre plano de paz dos EUA. Netanyahu diz que reféns podem ser libertados "nos próximos dias"

» RODRIGO CRAVEIRO
» ISABELLA ALMEIDA

Saber Nuraldin



Palestinos carregam os corpos de duas irmãs, depois de bombardeio em 24 de outubro de 2023, que matou 20 membros da família Al Faseih

há 729 dias, a vida dos 2,5 milhões de moradores da Faixa de Gaza parou no tempo e no horror das bombas. Na manhã de 7 de outubro de 2023, militantes do movimento islâmico palestino Hamas invadiram o sul de Israel por terra, mar e ar, executaram 1,2 mil israelenses e sequestraram 251 — 48 deles ainda estão em Gaza. A retaliação foi imediata: mais de 67 mil palestinos foram mortos, segundo o Ministério da Saúde de Gaza. Às vésperas do segundo aniversário do massacre no sul de Israel e da guerra em Gaza, a resposta do Hamas ao plano de paz (veja quadro) proposto pelo presidente dos EUA, Donald Trump, trouxe esperança. A facção aceitou libertar os reféns e acenou positivamente para alguns pontos da proposta.

Hoje e amanhã, Israel e Hamas manterão diálogo sobre os sequestrados. O premiê israelense, Benjamin Netanyahu, prometeu impor o desarmamento ao enclave. "O Hamas será desarmado (...) Isto vai acontecer, seja diplomaticamente, pelo plano de Trump, ou militarmente, por nós. Espero que possamos trazer de volta, nos próximos dias, todos os nossos reféns", disse. Por sua vez, Trump alertou ao Hamas que "não vai tolerar nenhum atraso" na aplicação do plano.

Em sua rede Truth Social, o americano anunciou que, tão logo o Hamas confirme, a trégua entrará imediatamente em vigor, e a troca de reféns por prisioneiros começará. "Criaremos as condições para a próxima fase da retirada, que nos deixará mais perto do fim dessa catástrofe de 3 mil anos", escreveu.

Pela manhã, o jornalista palestino Saber Nuraldin, 44 anos, havia sepultado a amiga Zohara Al Sadi, 19, no pátio do Hospital Al-Shifa, na Cidade de Gaza. "Foi morta depois que um drone lançou uma bomba quando ela e a família retornavam para casa, no campo de refugiados de Al-Shati", relatou ao

Correio. Ao longo dos dois últimos anos, Nuraldin tem se esforçado para reportar a guerra em Gaza. "Vivo em uma barraca, faço apenas uma alimentação por dia e luto para manter meus quatro filhos — três meninas e um menino — em segurança", disse.

Em um dos piores momentos, ele e a família viram-se obrigados a dormir na rua. "Eu olhava para os rostos das minhas crianças, encolhidas no frio intenso em Gaza, perto do mesmo hospital onde enterrei Zhora." Divorciado, Nuraldin cuida dos filhos.

Confiança

Nuraldin espera pela paz. "Perdemos a confiança em todos há muito tempo. Ambos os lados poderiam ter interrompido a guerra e evitado tantas perdas. Espero uma

paralisação da guerra, a fim de deter o banho de sangue." Apesar da exigência de Trump para que Netanyahu parasse com os bombardeios, Nuraldin disse que "nada cessou até agora". "Somente hoje, 70 morreram."

Enquanto o jornalista Motasem Dalloul, 46, falava ao **Correio**, era possível escutar o som dos drones sobre Gaza. A guerra foi particularmente atroz com ele. "Vivemos um pesadelo sem precedentes e inimaginável. Os piores momentos foram quando recebi a notícia de que Israel matou minha esposa e nossos filhos, Abu Baker, 2, e Yahya, 4", disse. Abu Baker e a mãe morreram em um bombardeio; Yahya foi atingido na cabeça por um sniper e atropelado por um tanque. Dalloul considera "muito importante" a decisão do Hamas para que "a ocupação pare o genocídio".

Pai de cinco, Abdel Fattah Al Buhairi, 35, viveu o momento mais difícil da guerra quando as Forças de Defesa de Israel invadiram a área em que moravam. O medo apossou-se do corpo do técnico ceramista. "As crianças estavam sozinhas; eu fiquei de fora, tive que entrar à força, sob bombardeios, para tirá-las de lá", lembrou. Abdel e a família precisam da solidariedade. "Minha vida depende de doações, dormimos dias sem comer nada." Sobre um silêncio das bombas, ele desabafou: "Torço para que tenhamos paz, mas não espero por isso."

"A guerra roubou minha antiga vida, mas não meu coração — ele resiste e carrega a saudade de todos aqueles pequenos detalhes que um dia significaram tudo para mim", afirmou à reportagem o jornalista Abood Abu Salama, 28, morador do campo de refugiados de

Jabalia." Depois de dois anos de dor e luto, minha vida mudou completamente. Antes da guerra, ela era muito simples. Todos os dias, fotografava as crianças e compartilhava suas alegrias. Meus amigos e eu tomávamos café e assistíamos a partidas de futebol. Às vezes, eu ia com a família para o mar, partilhando pequenos momentos que, para mim, eram tudo. Meu Deus, como sinto falta", disse. Na terça-feira, ele teve a casa bombardeada.

Ativistas deportados por Israel após a interceptação de sua flotilha com destino a Gaza denunciaram terem sido "tratados como animais". Israel deteve 400 tripulantes da Global Zumud e iniciou as expulsões na sexta-feira. Cento e trinta e sete ativistas chegaram a Istambul, entre eles Nicolas Calabrese, argentino-italiano que fazia parte da delegação brasileira.

A proposta de Trump

Libertação de reféns

Se ambas as partes aceitarem o plano de 20 pontos, a guerra terminará de imediato. Depois, todos os 48 reféns sequestrados pelo Hamas deverão ser devolvidos. Em troca, serão libertados 250 palestinos condenados à prisão perpétua e 1.700 detidos. O plano prevê a retirada militar de Gaza em etapas.

Trump, "presidente"

Gaza será governada temporariamente por um comitê especializado, sob supervisão e controle de novo organismo internacional de transição, presidido por Donald Trump.

Investimentos

O plano lança a ideia de transformar Gaza na "Riviera do Oriente Médio", para "reconstruir e revitalizar" a região. Será formado um grupo de especialistas para a criação de "algumas das cidades modernas mais prósperas do Oriente Médio".

Sem influência

O Hamas será excluído do governo de Gaza. Os membros do movimento que depuserem as armas e aceitarem a coexistência pacífica com Israel deverão assinar uma "anistia". Quem quiser deixar Gaza terá direito a uma passagem protegida.

Força de Estabilização

O plano prevê a mobilização de uma "força internacional de estabilização" em Gaza, com o apoio dos Estados árabes. A iniciativa treinará a polícia palestina e agirá para garantir a segurança com Israel e Egito.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

AS CADEIRAS RASGADAS DA ONU

O século 21 é um século que nasceu velho, como mobília maltratada, sem grandeza ou textura. Quem chega ao hall da Assembleia Geral na sede das Nações Unidas (ONU) em Nova York, os painéis *Guerra e Paz*, do artista brasileiro Cândido Portinari, pairam como uma admoestação aos líderes mundiais que anualmente se encontram ali sobre a importância da transformação da guerra em paz.

Quando os painéis de Portinari foram inaugurados na ONU, o secretário-geral da entidade era Dag Hammarskjöld, um entusiasta declarado da monumental obra doada à ONU pelo Brasil. A obra teve início durante o último e único governo democrático de Getúlio Vargas, sendo entregue ao governo de Juscelino Kubitschek, marcado pelo otimismo sobre a capacidade humana de progredir com elegância.

Curiosamente, Portinari não pôde acompanhar a instalação de sua própria obra na ONU, por uma mesquinha deslealdade. À

época, teve o visto de entrada nos Estados Unidos negado em razão das posições políticas que lhe eram associadas e que, naqueles anos 1950 marcados pelo autoritarismo paranoico do macarthismo nos EUA, eram alvo de perseguição sistemática.

O exuberante sueco Hammarskjöld, que viria a receber o Prêmio Nobel da Paz postumamente, após morrer num suspeito acidente de avião em 1961 no continente africano, dizia que "a ONU não foi criada para levar a humanidade ao paraíso, mas para salvar a humanidade do inferno."

Pois bem, se tal for mesmo a missão da ONU, a entidade passa por um período triste e sombrio, sem muitas condições de ajudar a humanidade. Nessa Assembleia Geral, no fim de setembro, marcando os 80 anos das Nações Unidas, era visível o estado bastante púido ou rasgado das cadeiras no plenário de sua sede em Nova York, claro sinal da má-conservação da entidade,

mesmo em seus aspectos mais banais.

Talvez tenham sido deixadas assim até mesmo para "fazer tipo", já que, de fato, a ONU enfrenta, no momento, um corte orçamentário de US\$ 500 milhões — o qual levará ao fechamento de cerca de 20% dos postos de trabalho, após a forte redução no financiamento dos EUA. De todo modo, como demonstra a proposta orçamentária para a redução de pessoal, e seguindo o padrão das elites do hole-rite que mandam no caixa dos Estados atuais, os cortes da ONU para 2026 pouparam os volumosos e improdutivos escalões mais altos, que permanecem muito bem remunerados — inclusive para os padrões nova-iorquinos.

Talvez outros países pudessem cobrir essa negligência financeira dos EUA para com as Nações Unidas. Todavia, é difícil vislumbrar isso acontecendo nos moldes atuais do Sistema ONU. Afinal, sediar a ONU em Nova York — além de algumas das principais agências especializadas do Sistema, como é o caso do Banco Mundial em Washington — é apenas um dos vários privilégios

que os EUA detêm dentro desse organismo multilateral desde sua fundação.

A contrapartida, mais ou menos óbvia, é a de que pagaria mais por isso. Apesar de que o enfraquecimento da ONU vem de décadas, em parte pela resistência em reformar a instituição, em parte pelo boicote que seus principais atores fazem do órgão — não apenas os EUA —, nos anos mais recentes a ONU deixou de estar ou ser protagonista dos principais eventos globais. Isso é uma novidade preocupante. Por culpa dos "sócios" da ONU.

Em artigo recente publicado no *Financial Times*, de Londres, um dos editores do jornal, Alec Russell, em parceria com uma jornalista do *Washington Post*, Abigail Hauslohner, focada em assuntos de segurança nacional na capital estadunidense, se perguntaram se a ONU poderia se salvar da irrelevância.

Os dois citam conversas com Mark Malloch-Brown, um influente político inglês que esteve por vários anos à frente do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), também sediado

em Nova York. Para Malloch-Brown, "de muitas maneiras, a ONU é um morto-vivo, que nunca chega a cair totalmente, mas, ainda assim, é um cadáver".

Como muitos outros observadores, Malloch-Brown aponta que a ONU ainda poderia desempenhar um papel vital no mundo e que, no momento, o mais relevante para a sustentação do organismo é o fato de a China e outras potências emergentes estarem buscando exercer um papel de liderança, à medida que os EUA se afastam, deslocando o foco da ação do paralisado Conselho de Segurança para a Assembleia Geral.

De todo modo, é difícil acreditar que o Sistema ONU siga em sua missão de salvar a humanidade do tumulto crescente sem mudar a mentalidade egoísta dos seus Estados-membros. E isso passa, inclusive, por uma melhor distribuição geográfica de suas sedes e locais de encontro, que não podem ficar às expensas dos humores do país anfitrião.

PAULO DELGADO é sociólogo